

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Em busca de uma nova vida – da Polônia ao Brasil

Família Kawka

Relato de Ângela Cristina Kawka

O ano era 1937. Naquela época, o governo do Paraná concedia terras a companhias colonizadoras com o objetivo de promover a ocupação da região. A **Paraná Plantations Limited**, com sede em Londres, foi responsável pela colonização do Norte do Paraná, incluindo a Colônia Gleba Orle, que então pertencia ao município de Londrina e atualmente está situada em Arapongas.

A Gleba Orle foi inicialmente destinada à colonização por poloneses. Seu nome está relacionado à palavra polonesa “**orzeł**” (águia), sendo “orle” uma expressão que significa “*filhote de águia*” ou “*uma águia que nasce*”. Apesar da intenção inicial, a região recebeu famílias de diferentes origens, entre elas italianos e ucranianos.

Os poloneses eram atraídos pela possibilidade de melhores condições de vida e pela facilidade de aquisição de terras, cujo pagamento podia ser feito em parcelas, com a entrada paga ainda na Polônia.

Foi nesse contexto que meus avós, Estanislau Kawka, nascido em 1901, e Ewa Kawka, nascida em 1906, decidiram emigrar para o Brasil. As dificuldades enfrentadas na Polônia levaram meu avô a vender sua marcenaria, a madeira que possuía e um pedaço de terra para buscar novas oportunidades. Em 1937, partiram acompanhados dos filhos Casimiro, com nove anos, e José, com sete, deixando para trás sua terra natal e sua família. No Brasil, nasceriam ainda Mariano, meu pai, e João.

A viagem começou no navio *Batory*, da Polônia até a Inglaterra. De lá, embarcaram no *Arlanza*, que os trouxe ao Brasil. A viagem até Santos durou 28 dias.



Acervo da família: Navio Arlanza, com o qual meus avós chegaram ao Brasil.



A primeira impressão do novo país não foi boa. Havia muita mata fechada a ser desbravada e também a dificuldade de comunicação. Algumas famílias que possuíam recursos acabaram retornando à Polônia.

Inicialmente, meu avô trabalhou como carpinteiro em uma fazenda próxima a Rolândia, enquanto meus tios trabalhavam na colheita do algodão. Depois, alugou uma casa em Rolândia e passou a trabalhar na construção de casas. Ainda em 1937, decidiu retornar ao sítio que havia comprado na Gleba Orle.

Primeiro, construiu um pequeno rancho à beira do rio e, posteriormente, uma casa de madeira para trazer a família de Rolândia.

Acervo da família: Estanislau e Ewa Kawka

Tentou plantar sementes trazidas da Polônia, mas elas não vingaram. Passou então a cultivar algodão e, aos poucos, aprendeu as técnicas de cultivo da região. Abriu novas áreas na mata e começou a plantar milho, arroz e feijão. Com muito trabalho, a situação da família foi melhorando.

Para poderem estudar, os meninos pegavam uma lanterna a querosene e, à noite, caminhavam até o sítio da família Szewczak, onde um empregado da família dava aulas. Foi nessas aulas que começaram a aprender o português.

Meu avô foi um dos incentivadores da construção de uma escola. Por iniciativa dos próprios colonos, a escola foi construída e passou a funcionar em 1942. Da mesma forma, em 1944, foi concluída a construção de uma pequena igreja de madeira.

Naquela época, a língua falada em casa era o polonês. Meus avós, porém, tinham grande interesse em aprender português e contavam com a ajuda dos filhos.



Acervo da família: da esquerda para a direita – Estanislau e Ewa sentados, os filhos mais velhos Casimiro e José e os filhos mais novos Mariano e João. Foto de 1947.



Meu pai, Mariano Kawka, terceiro filho do casal, dedicou grande parte de sua vida à preservação e divulgação da herança polonesa. Atua como tradutor de obras do polonês para o português, possui inúmeros artigos publicados sobre a língua e a cultura polonesa e é autor dos dicionários polonês-português e português-polonês.

Em 1972, meu pai casou-se com minha mãe, Ivone, de descendência italiana. Como ela não compreendia o polonês, infelizmente essa língua não era falada em nossa casa. Ainda assim, minha mãe sempre preservou parte da tradição, preparando deliciosos *pierogi* e a sopa *barszcz*, receitas que aprendeu com minha avó Ewa.

Acervo da família: batizado de Mariano Kawka



Entre minhas melhores lembranças da infância estão as férias passadas no sítio do *dziadzia* e da *babcia*, na Gleba Orle. Ao chegarmos, avistávamos meu avô sentado na varanda da casa que ele próprio havia construído, em sua cadeira de balanço, esperando para nos receber com um forte abraço.

Da minha avó, guardo poucas lembranças, pois ela faleceu em 1983, quando eu tinha apenas quatro anos. No sítio, encontrávamos os primos, brincávamos de mocinho e bandido, subíamos em árvores e tomávamos banho no açude. Durante muitos anos, foi nesse mesmo açude que minha avó lavava as roupas.

Ao lado do açude ficava o “burrinho”, uma bomba utilizada para abastecer a casa com água. Para nós, era uma diversão percorrer cerca de duzentos metros para ligá-lo sempre que faltava água. Também fazíamos passeios de trator pelas redondezas, no “TUR” polonês, o primeiro trator comprado por meu avô, em 1961, e que ainda permanece no sítio.



Acervo da família: casa do meu avô na Gleba Orle. Ao centro, o trator polonês “TUR”.



A curiosidade em conhecer a Polônia sempre esteve presente em minha vida. Tive a oportunidade de visitar o país três vezes, duas delas acompanhada de meus pais. Nessas viagens, pude conhecer nossos parentes e encontrar meu tio-avô Władysław Kawka, falecido em 2017.

Uma das coisas que mais me impressionou na Polônia foi a receptividade das pessoas. Toda a família sempre fez questão de nos receber em suas casas, com a mesa cuidadosamente preparada para um delicioso lanche. Em uma ocasião, ao visitarmos vários parentes que moravam próximos, chegamos a fazer oito refeições em um único dia! Já não tínhamos fome, mas era impossível recusar algo preparado com tanto carinho.

Essas viagens despertaram em mim a vontade de aprender a língua polonesa. Dessa forma, estou muito animada com o curso que estou fazendo, oferecido pela Casa da Cultura.

Aprender o polonês, para mim, é uma forma de me aproximar das minhas raízes e manter viva a herança deixada pelos meus avós.

Referência bibliográfica:

MARTINS, Cláudia Regina Kawka. A Presença Eslava na Formação de Arapongas, Curitiba, 2007

Ângela Cristina Kawka - angedkawka@gmail.com

Realização:



Financiamento:



Apoio:

